



MEU CORPO É TERRA-TERRITÓRIO

ORGANIZAÇÃO

PATRICIA BINKOWSKI &
ALINE REIS CALVO HERNANDEZ



MEU CORPO É TERRA-TERRITÓRIO

COMISSÃO CIENTÍFICA

Patrícia dos Santos Pinheiro (UNILA)

Rumi Regina Kubo (UFRGS)

Stella Maris Nunes Pieve

Valéria Viana Labrea (UFRGS)

CAPA

Cássio Adílio Hoffmann Oliveira

ASSESSORIA EDITORIAL

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Meu corpo é terra-território [livro eletrônico] /
organização Patrícia Binkowski, Aline Reis
Calvo Hernandez ; curadoria Larisa da Veiga
Vieira Bandeira. -- São Francisco de
Paula, RS : Escrita Serrana : Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), 2024.
PDF

Vários autores.

Bibliografia

ISBN 978-65-85186-15-5

1. Ciências sociais 2. Cultura indígena
3. Pesquisas 4. Territorialidade humana 5. Território
I. Binkowski, Patrícia. II. Hernandez, Aline Reis
Calvo. III. Bandeira, Larisa da Veiga Vieira.

24-243290

CDD-300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Patrícia Binkowski

Aline Reis Calvo Hernandez

(org.)



TEXTO- CORPO: UM TERRITÓRIO CHAMADO SARAU

Adriana Borella Pessoa
Aline Reis Calvo Hernandez
Kellin Mello
Larisa da Veiga Vieira Bandeira

A conjugação das palavras corpo-território fala por si mesma: diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem. Corpo e território compactados como uma única palavra desliberaliza a

noção do corpo como propriedade individual e específica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território. O corpo se revela, assim, composição de afetos, recursos e possibilidades que não são “individuais”, mas se singularizam, porque passam pelo corpo de cada um na medida em que cada corpo nunca é só “uma”, mas o é sempre com outros, e outras forças também não humanas (GAGO, 2020, p. 107).

Sarau-saúda-saúde do corpo-território. Reúnam-se mulheres e cantem, acolham-se e escrevam, juntem-se e contem suas histórias. Mantenham os corpos vivos, o sangue aquecido, as alegrias que vibram. Cantar para não adoecer, escrever para saudar, contar histórias para manter a saúde desse corpo coletivo. Nos querem tristes, fracas e doentes, enquanto cevam o mate, enquanto selam os seus bichos, enquanto afiam as suas facas, enquanto assinam tratados, enquanto apertam nossos corpos, enquanto matam o que quer viver.

Um sarau é fruição, partilha, afirmação desse corpo coletivo, nos mantém atentas, nos permite experimentar outros modos de habitar essa terra. Contar aqui algo que se deu é também um exercício de experimentação de outros modos de habitar também a escrita das mulheres que lá estiveram. Ler essa composição coletiva, também é experimentar-se no corpo-território.

É difícil colocar em palavras esse acontecimento vibrátil que foi o Sarau, mas vamos tentar. Na etimologia da palavra (do latim), sarau é essa festa ao entardecer, ponto de partida. A 4ª Mostra ObservaCampos “Meu corpo é terra-território” encerrou com esse Sarau, em que os corpos-textos das mulheres, em suas múltiplas línguas e linguagens, ocuparam território.

Mas, como se ocupa um território?

Nós, mulheres, sempre escrevemos, mas não podíamos assinar.

O texto era latifúndio dos homens.

O preto no branco, diziam eles.
Arrancando as páginas escritas de nossas mãos.

Nós, mulheres, sempre escrevemos, mas não podíamos publicar.
Os livros eram dos homens.
Capa dura, brochura grossa.
Publicando, por anos e anos, os nossos escritos em seus nomes.

Nós, mulheres, sempre escrevemos, mas não podíamos ler.
Ler era dos homens-letrados.
Alfabetos, gramáticas, sintaxes, tudo deles.
Trancafiado em suas bibliotecas escuras e mofadas.

Nós, mulheres, sempre escrevemos.
Escondidas, na calada da noite, no escuro da senzala, na floresta, no navio negreiro,
em nossos diários, papel qualquer ou mesmo com gravetos na terra...

Nós, mulheres, sempre escrevemos.
Histórias nossas, misturadas às de nossas avós, mães, tias, primas...
Histórias de nossas amigas, que escutam com atenção.
Histórias gravadas em nossos corpos-territórios-de-memórias.

O texto sempre foi nosso corpo.
Mas eles não gostaram.
Queimem, essas bruxas na fogueira!
Convertam, essas benzedeiças!
Marquem, em letra escarlata, essas adúlteras!
Catequizeem, essas indígenas!
Hipnotizem, essas históricas!
Escondam as urnas dessas sufragistas!
Batam, nessas atrevidas!
Curem, essas machorras!
Calem, essas feministas!
E nós compreendemos, com nossos corpos, que tudo era texto.
Com/texto.
E o território tinha de ser ocupado!
Ocupado não, invadido, gritaram eles!
Com as armas apontadas para nós.

Nós, mulheres, seguimos escrevendo...
Contando histórias.
Inventando...
Habitando outros mundos possíveis...

Nós, mulheres, nunca paramos, e hoje nossos textos-corpos se espalham por todas as terras-territórios.

Hoje sabemos como se ocupa um território sem cercas,
chamado Sarau...

(Por Aline Hernandez, poema escrito para o Sarau)

E o Sarau segue o fluxo. Corpo encarnado em intertexto Larisa Bandeira nos apresenta o sensível e eletrizante Pequeno Manual de Abate de Árvores e Mulheres (vídeo disponível em <https://youtu.be/W4MQirv83-4>):

1. Antes de iniciar, não pense que são distintas, as árvores e as mulheres. Ambas as espécies são bens comuns. O acesso aos seus corpos e troncos é livre, a mulher é um recurso natural que está fora da esfera das relações de mercado.
2. O abate das árvores, deve ser precedido de análise do solo, e sucedido de nivelamento e aterramentos, isso é necessário para deixar a terra plana e limpa. O abate das mulheres deve ser precedido de análise de suas territorialidades negras, indígenas, femininas e feministas nos processos da cidade e do campo e questionadoras da organização machista, patriarcal e racista predominantes. O abate deve ser sucedido do apagamento efetivo de qualquer dimensão simbólica, de qualquer sonho coletivo. Isso é necessário para deixar a terra lisa sem que ninguém se sinta pertencente.
3. Comece marcando as que precisam ser abatidas com tinta vermelha, para que fique público o domínio de seus corpos/troncos.
4. Marque primeiro as exóticas, as que são muito altas, as muito baixas, entre as nativas marque primeiro as antigas e as que

ainda estão se desenvolvendo, as que se reproduzem com facilidade e as que não dão frutos.

5. Use um círculo vermelho para as quais o abate é esperado, é comum e corriqueiro, para as quais não haverá reclamação ou revolta dos comuns.

6. Numere as que precisarão de reposição, as que foram criadas em estufas dos homens de bem, a cada 1 abatida prometa 5 novas, mais adaptáveis ao terreno, mais domesticáveis.

7. As que fornecem alimento, mantém a água limpa, não são doentes, ou cujos corpos/troncos escondem o abate, o garimpo, a devastação, mantenha fora da marcação, por um curto período.

8. Deixe somente uma espécie no território, para que a diversidade não se instale, para que uma nativa não aprenda os maus costumes das exóticas, das invasoras. Para isso defina as nativas como saudáveis, recatadas, do lar, princesas, do bem, e as demais como ameaçadoras. Proliferando o medo e suprimindo o afeto e a colaboração entre elas, a morte se instala nos corpos vivos.

9. Quando uma árvore é abatida, o que é produzido nela, nas trocas que faz com as outras, nos galhos que sustentam outras vidas, nos ninhos que se alojam em seus corpos caem junto com ela. Isso causa confusão nas vidas que dependem dela. O mesmo acontece com uma mulher abatida, sua casa, sua prole, suas crias ficam também confusas.

10. Cuide especialmente do que sobra, do resíduo orgânico, é essencial que sobre o suficiente para alimentar, para procriar, para que o bem comum não acabe. Atente para que as que ficam não se organizem, não revidem, não cantem, não escrevam, não se solidarizem, ou se reforcem, não se comuniquem. A força delas é incontrolável.

E em nossa festa ao entardecer a música se fez pela voz e violão de Kellin Mello, essa artista que nos fez cantar, dançar, chorar e gargalhar com seu repertório: Meu corpo-terra é música-território.

Choro (en)canto

Eu vou subir a serra, vou respirar a mata, me banhar de lua nova, construir a minha casa.

Eu vou subir a casa, vou respirar a aurora, me banhar naquela mata, começar na lua nova.

Mantém o fogo aceso e escuta a velha sábia.
Abandona as tuas pedras, te balança como as águas.
E anda sem rumo, anda aos ventos, aos trancos e barrancos.
Aprende a chorar, aprende a gargalhar.

Dá gracias a la vida que não cansa de te pôr no colo.
Desamarra teus cabelos, alça voo como as águias.
E cai de novo na noite escura da tua alma.
Aprende a aceitar, aprende a gargalhar.

As experiências vividas por mim, ao longo da minha trajetória atravessaram o meu corpo e assim o compuseram. As terras que habitei, a de origem e as temporárias, todas em seu princípio, indígenas, posteriormente colonizadas por europeus, foram meu território e fazem parte da constituição da pessoa que hoje sou. Seria essa a minha e também a sua história? O que sei é que meu corpo-terra fez com que mulheres desejanter de arte e revolução me encontrassem para participar do Sarau corpo terra-território. Acredito que parte de suas histórias são semelhantes à minha ou à sua (se você que lê esse texto é mulher) diante daquilo que o patriarcado cristão, branco e capitalista fez e faz conosco. Semelhantes também ao nos considerarem inferiores, objetos a serem usados para servir às necessidades do outro (homem). E temos consciência, umas mais, outras nem tanto, que a dominação que recai sobre uma mulher cis, branca e da classe média é inferior à que atinge uma indígena, uma negra, uma camponesa, uma trans.

Por isso, quando uma mulher compõe uma música, esses atravessamentos a cortam, estando elas conscientes ou não. Quando uma mulher canta, também. E seu canto, vindo antes de um lugar de passividade, que tantas vezes revelou suas fantasias com a pessoa amada, cada vez mais se parece ao canto das sereias: seduz, derruba e afoga (o patriarcado).

Esta arte musical pode ser um caminho que encontramos para expressar o que está no âmago de nossos corpos e para viver mais uma etapa de nossas curas. Entoadas, pode concretizar sonhos, como o que iniciei este relato, escrito por mim há sete anos. Tanto entoei, que se realizou. Outra cura é agrupar pessoas em círculo, num pequeno espaço enfeitado de cascas, sementes, folhas e frutos de árvores, com pessoas dispostas à troca de consciência, alegria e amor. Dispostas a liberarem e vibrarem suas vozes em coletivo, tornando a experiência com a música mais poderosa.

A escolha foi por um repertório musical que dá voz ao fardo da mulher, sobretudo a latino-americana, e mais, a mulher latino-americana inserida no meio musical, a musicista (cantora, instrumentista, compositora), sem esquecer este território corpo-terra que aqui vos fala: a musicista gaúcha. Sentir e cantar não só o fardo, mas o gozo, porque também conseguimos gozar apesar do fardo. Fardo e gozo, que catalisam expressões, transgressões, aparições e revoluções com a boca no trombone-microfone. É neste lugar em que eu estava quando fui convidada a escolher um repertório, cantá-lo e interpretá-lo no Sarau: a retomada do gozo. Um momento de retomada do meu território corpo-terra, terra-palco, corpo-pleno. Mostrar as quedas, as rejeições como também as raivas e as libertações. Minhas e nossas. Por conta própria, mas especialmente amparada por mulheres desejantes de revolução. Um convite ao meu resgate que é o resgate de todas. Um desafio e uma satisfação é cantar e tocar músicas que fortalecem o novo lugar da

mulher em suas relações. Também, uma homenagem às intérpretes que com a sua arte dão visibilidade à força, à revolta, aos sonhos e às conquistas das mulheres.

Ser mulher é ter um território corpo-terra que dói:

Abandono e rejeição: “Foi quando meu pai me disse filha, você é a ovelha negra da família. Agora é hora de você assumir e sumir” (Ovelha Negra – Rita Lee);

Exclusão: “Você ri da minha roupa, você ri do meu cabelo, você ri da minha pele, você ri do meu sorriso” (Olhos Coloridos – Sandra de Sá);

Traição: “Animal arisco, domesticado esquece o risco, me deixei enganar e até me levar por você” (Fera Ferida – Maria Bethânia);

Solidão: “O deserto que atravessei, ninguém me viu passar, estranha e só, nem pude ver que o céu é maior” (Catedral – Zélia Duncan).

Ser mulher é ter um território corpo-terra que pode despertar:

Força: Minha força não é bruta, não sou freira nem sou puta; sou rainha do meu tanque, sou Pagu indignada no palanque (Pagu – Maria Rita);

Consciência: “Tá na hora de reagir, entender que somos gigantes, ocupar o nosso lugar, acolher nossas almas” (Germinar – Flaira Ferro);

Liberdade: “Que um homem não te define, sua casa não te define, sua carne não te define, você é seu próprio lar” (Triste, Louca ou Má – Francisco El Hombre).

Ser mulher é ter um território corpo-terra que pode retomar:

Poder: “Eu vim descendo, facão na mão, zoiúda, pra matar os males do mundo. Empoderada, mulher que corta, vestida de patuás, dentro do meu altar sagrado pra quem cura” (Zoiúda – Raissa Fayet);

Indignação: “Hoje eu não quero falar de beleza, ouvir você me chamar de tristeza, eu sou um monstro” (Eu sou um monstro – Karina Bhur);

Limite: “Nem vem tirar o meu riso frouxo com algum conselho que hoje eu passei batom vermelho. Eu tenho tido a alegria como dom, em cada canto eu vejo o lado bom” (Velha e Louca – Mallu Magalhães).

Ser mulher é ter um território corpo-terra que pode gozar:

Deleite: “Eu hoje represento uma fruta, pode ser até maçã. Não, não é pecado, só um convite, venha me ver amanhã e sempre” (Luz del Fuego – Rita Lee).

Ser mulher é ter um território corpo-terra que pode amar e agradecer:

“Gracias a la vida que me ha dado tanto, me ha dado el oído que en todo su ancho, graba noche y día, grillos y canarios, martillos, turbinas, ladridos, chubascos y la voz tan tierna de mi bien amado” (Gracias a la vida – Mercedes Sosa).

Responsável por encontros de corpos-terra-territórios de mulheres, a música manifesta suas subjetividades e promove um reencontro de “quase iguais”, subvertendo a cultura de competição empurrada goela abaixo. A vida de uma mulher sendo representada por uma canção é um ato revolucionário, considerando os anos de silenciamento de suas vozes. De repente, essas vozes, essas vidas, estão sendo expostas, vistas. Ao escutar uma música que fale sobre a vida de uma mulher, eu me escuto, você se escuta, escutamos todas e percebemos o quanto somos semelhantes e por isso, podemos contar umas com as outras. Cicatrizes em um corpo e numa terra, resultantes da invasão e da exploração, criam raízes. Estas sustentam corpos com seus movimentos, seus sons e sua música atravessando as gerações. Para uma mulher existir, tantas outras resistiram, muitas outras não. Transformar o território corpo-terra em música é expor os danos feitos aos corpos e às terras. É espalhar aos ventos o resultado da expropriação de um território e de um saber com o uso de seu próprio canto. Entoar o ser explorada e o

explorar-se, cuidar dos outros e abandonar-se. As latino-americanas cantam a dor e convidam ao despertar de mulheres para defender, enfrentar, resistir, arriscar, retomar, emancipar, demarcar, plantar, amplificar, desabrochar, permanecer e gozar. Especialmente gozar.

As velhas, as tristes, as loucas, as más, feras feridas em suas romarias, em seus vilarejos. As que aguentaram o deboche de sua pele, de seu cabelo e do seu sorriso, suportando perder ou as que transgrediram e foram vistas como ovelhas negras, portanto, excluídas e abandonadas. “Uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta”. Raízes e troncos que sustentam as próximas Pagus e as futuras Luz del Fuego. Reagem rejeitando o louvor à beleza, às princesas e às boazinhas (sabendo que estas também sofrem e que estes papéis são defesas contra a rejeição social), libertando seus monstros, sendo zoiúdas e ainda conseguindo agradecer à vida. Gozando de malandragem, dirigindo seus carros, tomando seus pileques e ainda tendo tempo para cantar. Por fim, entendem que são gigantes.

Em seguida é a escritora Adriana Borella Pessoa que nos apresenta Mulheres, simplesmente brilhantes.

Ao longo das décadas, as mulheres vêm tentando romper com as barreiras que as impedem de ter o seu lugar no mundo. Seu lugar de direito, como de qualquer pessoa ou ser vivo que habita este planeta. Parece inconcebível pensar que em pleno século XXI, ainda tenhamos que enfrentar as dores impostas por uma sociedade machista que se julga no direito de determinar condições e impor padrões de vida para nós, mulheres. Não é muito fácil, mas seguimos na luta.

A 4ª Mostra ObservaCampos “Meu corpo é terra-território” foi brilhante ao trazer mulheres de diferentes lugares apresentando suas experiências de vida e de trabalho. O Sarau, especificamente, foi comovente,

lindo, de puro amor e empatia. Senti-me livre para respirar aliviada ao pensar, como é bom ser mulher! Como agradeço por ser mulher e ter a sensibilidade de ouvir, abraçar e sentir o pulsar do coração de outras mulheres. Compartilhar das dores e oferecer o acalento. Ei, minha companheira mulher, você não está só. Estamos juntas. Somos corpo-luta, território de todas.

Simplemente Eu

Quem sou eu, me pego a pensar.
Nas lutas constantes da vida,
Que deixam marcas e abrem feridas,
Procuro o meu lugar.
Um lugar que não seja perfeito,
Tenha apenas o meu jeito,
Onde posso me encontrar.

Quem sou eu, sigo a pensar
Neste mundo tão desigual,
Em que roubar e matar parece normal,
Ainda procuro o meu lugar.
Um lugar que mantenha o respeito,
Que o sublime viver seja um direito,
Onde a paz possa estar.

Quem sou eu, por muito tempo me peguei a pensar
E depois de muito refletir,
Não desejo me calar,
Sou voz que clama por justiça e união,
Na qual todos os povos são irmãs e irmãos,
Pois de todos é este lugar.

Quem sou eu, finalmente, depois de muito pensar,
Sou luta, sou sonho, sou rebeldia,
Sou paz, sou transformação, sou alegria,
Sou diferente.
Só quero meu lugar, meu espaço,

Sou gente!
Sou filha, sou mãe, sou independente.
Sou corpo – terra – território.
Sou mulher!
Sou eu, simplesmente.

Felizmente, entre tantos adjetivos e atributos que compõem o “ser-mulher”, temos a forte presença da criatividade que pode ser vista em inúmeras personagens que fizeram história, desconstruindo padrões e lutando fervorosamente, defendendo suas causas, principalmente, a de simplesmente ser mulher; de ser respeitada, valorizada e reconhecida por todo talento que possuem. Independente do querer, ou não, de uma sociedade que conserva raízes machistas, nós mulheres, estamos em todos os lugares, dando nossas contribuições, fazendo a vida acontecer. Mulheres são artistas natas, não importa o palco em que se apresentam, possuem o seu território. Mulheres pardas, brancas, pretas, indígenas. Mulheres no tanque, no escritório, no fogão. Mulheres motoristas, artistas, políticas, professoras. Simplesmente mulheres.

No Sarau, as “mulheres de pano” deram seu recado, representando importantes personagens da vida real ou apenas de ficção, mas que simbolizam a força, determinação e garra das mulheres.

Okoye, a general, trata-se de uma importante guerreira da guarda real de Wakanda. A talentosa guerreira representa cada uma de nós, mulheres, que não se abaixam ao ser ameaçadas por um império, talvez maior em força, mas não em habilidade estratégica. Ah, a inteligência das mulheres é algo indescritível.

A personagem *Helena*, da obra infantil “Um Mundo Diferente” (Pessoa, 2021) não se conforma com o mundo do jeito que está. Sonha com igualdade, respeito às diferenças e ao planeta, pensando nas gerações que virão. Nós,

mulheres, entendemos que a vida precisa continuar após nós, e com qualidade. Temos a preocupação com o planeta que queremos deixar para os que virão. Helena vai à luta por um mundo melhor.

A artista mexicana *Frida Kahlo* trouxe a força da superação diante de recorrentes golpes da vida. Hoje, ainda vemos muitas mulheres que, apesar de suas limitações, não se intimidam e enfrentam, com coragem tirada não se sabe de onde, tantos golpes. E vencem.

Não posso deixar de mencionar uma grande mulher, uma inspiração na minha vida e com certeza de outras mulheres, a arte-educadora *Ana Mae Barbosa*, a primeira Doutora em Arte-Educação do país. Que ousadia! Ir para Boston fazer Doutorado em arte na década de 70, em pleno período de ditadura civil-militar no Brasil.

E finalmente, uma personagem que se apresentou em minha vida ainda na infância e nunca mais desgrudei dela. “Pollyanna” (PORTER, 1913), uma menina-mulher que me curou, que transformou a minha vida através do “jogo do contente” que consiste em procurar encontrar algo de bom em todas as coisas, por piores que sejam. Esta é uma prova de que mulheres curam mulheres. Mulheres se doam. Mulheres são corpo-terra-território-lutas-vitórias. Mulheres são, simplesmente, brilhantes.

Ana Paim e Demétrio Andrade nos deixaram estarecidas com essa ilustração inspirada na obra de Torres Garcia, da América Invertida. A obra traz uma reflexão sobre nosso “norte” ser, na verdade, o sul, como valorização da cultura latina. Ela representa o suor e o sangue que dão forma, onde não há bordas entre o corpo, a terra e o território. A arte como expressão de insurgência diante da colonialidade que é um eco do colonialismo. Da necropolítica, do machismo, do racismo, do massacre dos povos originários.

Quando a terra sangra, sangra a carne também. E as lutas revelam corpos-territórios onde a indígena chora e sangra o território, um mapa de si mesma.



E chega um momento lindo do Sarau. Sem cercas, o fluxo é aberto. Foi lindo ver a mulherada e também suas filhas, amigos e companheiros pegando os livros e poemas e lendo mulheres: Carolina Maria de Jesus, Cidinha da Silva, Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, bell hooks, Luna Vitrolira, Angélica Freitas, Natália Borges Polezzo, Hilda Hilst, além de escritas e poemas próprios.

E foi na batida do fluxo aberto que Fê Schinaider e Cássio Hoffmann nos surpreenderam com suas performances. Ao som da música e letra de Caio Prado “Não recomendado” nos falaram de corpos e existências não recomendadas à sociedade. Fê começa tensa, no corpo de um homem sério e carrancudo que ao despir-se vai se libertando, tornando-se uma mulher.

Não recomendado (Caio Prado)

Uma foto, uma foto.
Estampada numa grande avenida.
Uma foto, uma foto.
Publicada no jornal pela manhã.
Uma foto, uma foto.
Na denúncia de perigo na televisão.

A placa de censura no meu rosto diz: Não recomendado à sociedade.
A tarja de conforto no meu corpo diz: Não recomendado à sociedade.

Pervertido, mal amado, menino malvado, muito cuidado!
Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado!

A placa de censura no meu rosto diz: Não recomendado à sociedade.
A tarja de conforto no meu corpo diz: Não recomendado à sociedade.

Não olhe nos seus olhos.
Não creia no seu coração.
Não beba do seu copo.
Não tenha compaixão.
Diga não à aberração.

A placa de censura no meu rosto diz: Não recomendado à sociedade.
A tarja de conforto no meu corpo diz: Não recomendado à sociedade.

Cássio arrebatava a cena com o videoclipe Não Recomendado, para situar as manas que não nascem mulher, mas escolhem ser mulher, as mulheres trans.

São elas que nos ensinam que nossa existência é, também,

trans-ito...Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQNu_w

Referências

GAGO, Verónica. **A Potência Feminista ou o desejo de transformar tudo**. Editora Elefante, 2020.

POR TRÁS DAS CÂMERAS: RELATOS DA “COXIA”